

# Grupo de Pesquisa Philos Sophias: devires matemáticos de corpos dançantes

Daniela Delfim Cruz<sup>1</sup>

Dulce Maria da Silva Voss<sup>2</sup>

Clarice Gomes de Almeida<sup>3</sup>

## Resumo

O Grupo de Pesquisa Philos Sophias alinhado às filosofias da diferença e ao projeto da decolonialidade pretende evidenciar que essa produção pode se realizar em constante atualização de pensamentos, ações e territórios. As filosofias de Deleuze e Guattari e Espinosa inspiram a criação e operacionalização de planos de composição em que se entrecruzam estudos e pesquisas do coletivo docente e se desdobram nas intervenções pedagógicas nas escolas de educação básica. Como o projeto desenvolvido na escola de Aceguá (RS) onde acontece a docência no ensino de matemática por meio de rodas de danças circulares. É assim que as experimentações coletivas produzem afecções e intensificam afetos. O que leva à compreensão das redes colaborativas como agenciamentos movidos em ritornelo sempre prontos a se desterritorializar em devires outros de uma arte de diferir de descolonizar que torna possível novas paisagens existenciais.

Palavras-Chave: Danças circulares; decolonialidade; diferença; matemática; Philos Sophias.

## 1. Introdução

O Grupo de Pesquisa Philos Sophias é formado por um coletivo de pesquisadores/as de distintas áreas de conhecimento e que atuam como educadores/as em escolas de educação básica e no campo social. Procuramos alinhar nossas práticas educativas, estudos e pesquisas às filosofias da diferença de Deleuze e Guattari, Espinosa, entre outros/as pensadores/as cujas teorizações oferecem uma gama de conceitos passíveis de serem operacionalizados na produção de pensamentos e ações coletivas.

Deleuze e Guattari (2010) propõem a filosofia como criação de conceitos que ativam a produção do pensamento em torno da diferença - diferença em si mesma - e a experimentação da relação do diferente com o diferente. Ação de pensar que se configura como potência criativa, estado de devir e faz crer na possibilidade de outras “realidades”, atenta às multiplicidades, singularidades, agenciamentos, perceptos e afectos mobilizados em cada acontecimento.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação; Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA; Jaguarão Rio Grande do Sul, Brasil.  
[delfimdaniela@gmail.com](mailto:delfimdaniela@gmail.com)

<sup>2</sup> Pós-doutora em Educação; Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG; Ponta Grossa, Paraná, Brasil.  
[dulcevoss@unipampa.edu.br](mailto:dulcevoss@unipampa.edu.br)

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação e Tecnologia; Instituto Federal Sul- Riograndense - IFSUL; Pelotas, Brasil.  
[galmeida@educar.rs.gov.br](mailto:galmeida@educar.rs.gov.br)

Afectos e perceptos são efeitos dos agenciamentos que experimentamos com o mundo, no mundo, pelos modos como nos tornamos diferentes, diferentemente, ou seja, o que pensamos, como agimos na criação de mundos possíveis, afetando a nós mesmos e a outros/as seres vivos, compondo nossas existências. Portanto, afectos e perceptos são gerados pela nossa presença e ação no mundo, em muitos mundos, o que acontece diante de cada circunstância, cada instante, em que se dá o aumento ou a diminuição de nossas potências do sentir, do pensar e do agir. Isso faz com que nos tornemos diferentes, em ação perpétua de criação de devires (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Desse modo, somos afetados pelo que enreda e produz nossas existências. Algo que acontece e está relacionado ao minoritário, ao singular, à diferença, ao que não sabemos de antemão mas que se efetua conosco, em nós e com outros/as. Devir minoritário que cada ser, cada força habitante do cosmos caótico, opera, por movimentos e dispersões, ao experimentar existências, de modo singular e em conjunção com outras forças do universo. Assim: “O ser em devir é afetado por uma força-potência que o leva a habitar zonas de vizinhança, a entrar em um estado de indiscernibilidade com a potência que o afeta” (ZACHARIAS, 2017, p. 55).

Agenciamentos geram e são gerados por potências ativas ou passivas. Potências ativas conduzem os corpos à criação de novos encontros, afetações intensivas e alegres. Potências passivas induzem afetos tristes porque não permitem ao corpo experimentar o que ele pode, impedem-no de expandir possibilidades. Os corpos sempre podem mais do que é posto como limite, como repetição monótona do mesmo. Encontros intensivos e alegres expandem potências ativas e se estendem de um corpo ao outro (ESPINOSA, 2009).

É preciso, pois, extrair das coisas que acontecem e dos mundos do qual fazemos parte, novas possibilidades, torná-las visíveis ao expressar o que se passa na vida.

## **2. Filosofia da Diferença e Decolonialidade**

Pensamos que as filosofias da diferença podem ir ao encontro do projeto decolonial, acoplando essas linhas de pensamento e ação dissonante do que está dado, como peças de uma máquina insurgente que se move e efetua cortes no modus operandi da colonização do desejo e da colonialidade do ser, poder e saber (MALDONADO-TORRES, 2019).

Interessa-nos, portanto, a criação de espaços e tempos plurais de construção coletiva e solidária, o que requer operar o pensamento e a ação em prol da diferença, de forma concomitante, em diversos planos minoritários na produção das nossas artes de existência. Compor planos de imanência minoritários que entrecruzam estudos, pesquisas e intervenções no mundo que habitamos, de modo a provocar um movimento de atualização constante do pensamento e das ações promovidas no/pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias. Entrar, permanentemente, em estado de devir nos lança à criação de possíveis e, em meio a outras forças, forjamos linhas de fuga ao que reduz nossas existências à ordem majoritária pré-estabelecida pela lógica modernizante e universalizante que coloniza mentes e espíritos, separa e dicotomiza os elementos e seres do universo, subjugando uns aos outros.

A racionalidade moderna é da ordem majoritária. O padrão, o majoritário, o dominante, o universal induzem ao limite, ao controle, a representação e a imposição, ao nomear, classificar, hierarquizar e dominar existências. Metanarrativas que esquadriharam e hierarquizam espaços, tempos, corpos, sujeitos, relações e que definem códigos classificatórios binários, tais como: ciência ou senso comum, certo ou errado, belo ou feio, justo ou injusto, normal ou anormal, amigo ou inimigo, aliado ou adversário, ou seja, todas as práticas excludentes e legitimadoras de sistemas de veracidade universalizantes, o que requer o combate sem trégua e em múltiplas frentes às formas brutais de manifestação implícita ou explícita da colonialidade do ser, saber e poder (MALDONADO-TORRES, 2019).

Na atualidade, o colonialismo persiste e se torna cada vez mais perverso pois, não somente os corpos são colonizados para extrair deles a mais valia, o que beneficia a ordem capitalista, também o desejo é objeto da ação colonizadora. Mesmo os discursos recorrentes de respeito a pluralidade e de tolerância ao diferente são versões atualizadas do colonialismo macro e micropolítico que visa a consolidação do “regime colonial-capitalístico” (ROLNIK, Nesses tempos em que vigora e se estende o regime colonial-capitalístico sobre corpos, mentes, vidas, espíritos e relações, em suas várias dobras, a redução da subjetividade a sua experiência como sujeito, inseparável do abuso da pulsão, gera um trauma diante do qual tende a prevalecer a resposta reativa. Pois, a colonização e colonialidade do desejo bloqueia a expressão e expansão de potências que cada coletividade e indivíduo deseja criar para si e em cooperação com outros/as/es. Laços autênticos de solidariedade, espaços plurais de convivência mútua e compartilhada são inviabilizados, boicotados.

Questões que nos desafiam a um difícil combate diante do que está colocado sob ameaça, ou seja, a vida de cada ser vivente e da sociedade planetária. Mover o desejo em outras linhas e responder ativamente ao trauma do abuso, torna possível potencializá-lo e fazê-lo agir

tendo em mira a descolonização do inconsciente. Criar desvios, sabotar capturas do desejo e extrair a pulsão vital do destino no qual sua cafetinagem a mantém confinada. Portanto: “Desejar este acontecimento de uma vida não cafetinada é o antídoto para a patologia do regime colonial-capitalístico - que torna a vida genérica e nos faz desejar o gozo do poder – um gozo próprio de uma subjetividade reduzida ao sujeito, cuja cegueira nos leva a um miserável narcisismo devastador” (ROLNIK, 2018, p. 145).

Já que, na esfera macropolítica cafetinada, os sujeitos se distribuem em uma cartografia organizada em pares binários antagônicos e repulsivos, cabe aos subalternos tornarem-se agentes por excelência de múltiplas insurreições, juntando forças produzidas nas esferas micropolíticas que venham a surgir de qualquer lugar na trama social (ROLNIK, 2018).

Reverberação de um projeto chamado decolonialidade que é fruto de insurreições políticas, culturais, epistêmicas, subjetivas, pois têm forjado a reinvenção do pensamento humano mediante a produção de novas perspectivas teórico-epistemológicas, éticas e estéticas, nas quais um dos traços marcantes é a afirmação da pluralidade que povoou e povoa o universo. Trata-se de movimentos que abrem brechas à passagem de outros modos de pensar e viver coletivamente.

Decolonialidade que pode ser traduzida como virada epistemológica capaz de sustentar a descolonização dos corpos e desejos, dos modos de vida e visões de mundo. A criação do projeto decolonial tem possibilitado a produção de novos saberes, fazeres e sentires que fortalecem alianças entre intelectualidades e ativistas no combate à expropriação das vidas, dos corpos e das culturas subalternizadas. Ou seja, a decolonialidade expressa a insurgência do pensamento descolonizado: “Em meio a complexidade dos tempos que vivemos, novas formas de resistência são germinadas como forças de um plano de imanência e cooperação mútua cuja construção ética e estética coloca em evidência a reapropriação ontológica, da vida, de diferentes possibilidades de existir” (VOSS, 2020, p. 235).

Assim, compomos nossos planos e intervenções a partir das experiências vividas, “para conhecer com a cognição ampliada, isto é, aberta ao plano dos afetos” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 61).

Então, a busca incessante por possibilidades de habitar simultaneamente o sujeito e o fora-do-sujeito, retomar nas mãos o poder de decidir o destino da pulsão, é a responsabilidade ética que assumimos perante a vida. Por isso, buscamos conectar forças em ritornelos e redes colaborativas.

## 2.1 Ritornelos e redes colaborativas

Na produção das nossas artes de existência, interessa-nos, portanto, compor planos de imanência minoritários em que se entrecruzam estudos, pesquisas e intervenções coletivas no mundo que habitamos, de modo a provocar a atualização constante dos pensamentos ações promovidas no/pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias. Ao encontrar aliados, compomos nossos planos e intervenções a partir das experiências vividas, “para conhecer com a cognição ampliada, isto é, aberta ao plano dos afetos” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 61).

São redes colaborativas agenciadas em movimentos de invenção de ritornelos. Deleuze e Guattari (2012) chamam ritornelo o conjunto de matérias de expressões criadas no ritmos das passagens de um meio ao outro em favor de devires produzidos do pensar, do agir, do sentir e do reunir forças no caos. Como dizem Deleuze e Guattari:

Ora se vai do caos a um linear de agenciamento territorial: componentes direcionais, intra- agenciamento. Ora se organiza o agenciamento: componentes dimensionais, intra-agenciamento. Ora se sai do agenciamento territorial, em direção a outros agenciamentos, ou ainda a outro lugar: o inter-agenciamento, componentes de passagens ou até de fuga. E os três juntos. Forças do caos, forças terrestres e forças cósmicas: tudo isso se apronta e concorre no ritornelo ( DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 124).

Tais passagens, idas e vindas, acontecem com outros coletivos de pesquisadores/as, de instituições universitárias, de programas de pós-graduação, das escolas e contextos locais, constituindo redes colaborativas. Conforme refere Sant’Ana (2015), o processo de constituição de um coletivo de trabalho tem relação com o “compromisso com a colaboração efetiva” e essa deve organizar-se “de maneira a garantir a integração de indivíduos ou grupos” (SANT’ANA, 2015, p. 1149).

É importante ressaltar que a configuração das nossas redes, em relação aos campos dos conhecimentos aos objetos mobilizados nos estudos, pesquisas e intervenções coletivas, acontecem fora dos limites disciplinares. Pois, reunimos pesquisadores/as de múltiplos campos científicos e de diferentes áreas de atuação profissional, como: educação, psicologia, pedagogia, assistência social. Com isso, buscamos contemplar inúmeros objetos de produção de conhecimentos que envolvem os campos das linguagens, matemáticas, sociologias, infâncias, juventudes, religiosidades, currículos, práticas docentes, dentre outros. Desse modo, consideramos que as ações empreendidas pelo grupo em redes de colaboração atravessam linhas de pensamento e de produção de conhecimentos, tendo como ponto comum a ancoragem nas

linhas das filosofias da diferença e da decolonialidade, como já afirmamos anteriormente.

Com base nesta compreensão, tratamos a seguir de um dos projetos que expressa o entrecruzamento e a passagem por dois mundos, dois territórios, as reuniões do grupo em que se dão estudos, conversações e compartilhamento de pesquisas, e as escolas locais, onde atuam integrantes do Philos. Trata-se de uma feitura em que inventamos o ensinar e aprender matemáticas por meio de danças circulares.

### **3. Ensinar e aprender matemáticas com as danças circulares**

Tradicionalmente, o ensino da matemática nas escolas segue o paradigma cartesiano produzido na modernidade, através do qual procura-se estabelecer como premissa a reconhecimento dos signos e funções matemáticas baseadas em unidades estáveis, imutáveis e absolutas. O que faz do professor de matemática um certo profeta, o detentor das verdades matemáticas, sujeito objetivado porque dotado da capacidade de transmissão do conhecimento e, conseqüentemente, controlador dos saberes adquiridos ou não por outros sujeitos, os estudantes, considerados desprovidos da capacidade de criar suas próprias percepções e conhecimentos.

Ancorado no cientificismo moderno, o ensino da matemática configura-se a partir de uma relação pedagógica fragmentada e hierárquica. Por meio dela, a matemática preserva o estatuto de campo de conhecimentos baseados em leis naturais objetivas e neutras à serviço de uma ação humana passiva e estável:

Assim foi se constituindo a racionalidade científica moderna ancorada na Matemática como “mãe” de todas as ciências. Inventa-se, a partir daí, classificações, relações entre campos de conhecimento e objetos, leis naturais, verdades universais, representações sobre as coisas e o mundo, separação entre duas ordens: uma natureza passiva de intervenção humana inteligível e todas as outras formas ditas fora da realidade concreta e incapazes de abstração quantitativa, aquilo que estaria num plano sensível de crenças, ficções, emoções. A natureza é passiva e por isso pode ser observada, classificada, dominada para a garantia de estabilidade e ordem universal do mundo (BONFANTI, 2021, p. 42).

A ciência matemática criada na modernidade e sustentada no pensamento cartesiano serviu de parâmetro para a funcionalidade da ordem econômica, social, política e cultural ocidental à revelia de todas as outras culturas matemáticas praticadas diferentemente por inúmeros povos. Modernidade que inventou a escola pública e o ensino da matemática moderna como prioridade e que desfruta de maior legitimidade frente aos demais conhecimentos transmitidos às novas gerações.

Apesar disso, podemos compreender que, no dia-a-dia, muitas sentenças e problemas

matemáticos desafiam o pensar matematicamente. Entendemos que conhecimentos matemáticos estão presentes, desde sempre, nas existências humanas e servem para responder às necessidades de organização de ações e invenção de soluções aos problemas e necessidades das diferentes populações que habitam o planeta. Daí porque propomos a descolonização do ensino da matemática, ao propor processos de ensinar e aprender matemática inventados de outras maneiras.

De acordo com Deleuze e Guattari (2010), entendemos que a ciência matemática, como todas as outras, se apresentam como proposições de reflexão e comunicação de signos e funções representativas dos sistemas discursivos. O objetivo principal do raciocínio matemático é, pois, criar certa ordem no caos do universo e das existências. Por isso, a ciência matemática renuncia ao infinito, atribui o virtual como referência que atualiza e normaliza a natureza como natural, racional e objetiva, limitando o caos para operar nele funções, prospectos e functivos, simbolizados por contagens numéricas, variáveis, coordenadas, categorias de valor puramente empírico. Porém, é preciso atentar que: “Há tanto experimentação como experiência na Filosofia e na ciência, em ambas, a experiência pode ser perturbadora quanto mais próxima do caos. Há criação em ambas, um *não sei* tornado possível e criador” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 152).

Assim, pensamos a matemática enquanto multiplicidades - matemáticas - que se abrem à criação de singularidades a partir da combinação de três campos de conhecimento - da filosofia (criação de conceitos), da ciência (proposições e funções) e da arte (afectos e perceptos). Conforme dizem Deleuze e Guattari (2010): “Tanto as percepções quanto às afecções especiais da filosofia ou da ciência se ligarão necessariamente aos perceptos e afectos da arte (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 158).

Essa relação eleva potências ativas de corpos aprendizes - professores/as e estudantes. Filosofia, ciência e arte interligadas comportam “um *eu não sei*”, Não saber que requer a transformação das relações pedagógicas de ensinar e aprender,, entendendo que tais ações não envolvem apenas o desenvolvimento do potencial cognitivo lógico, não se dão através do exercício mecânico da representação e da memorização. E sim que o funcionamento do campo inteligível do raciocínio matemático, ocorre mediante a mobilização de potências ativas ou passivas em que o cognoscível depende do sensível, ou seja, experimentações de afectos e perceptos que tanto podem inibir quanto ativar novas formas de ensinar e aprender signos, prospecções e funções matemáticas.

Escapar às armadilhas da racionalidade de um sujeito pensante e dotado de um conhecimento verdadeiro onipresente, nos leva a ação de conhecer como ato em criação. Por

isso, as danças circulares nos serviram como dispositivos para experienciar agenciamentos, perceptos, afecções e afetos que potencializaram a interação entre corpos aprendizes, compondo um corpo coletivo ávido por aprendizagens matemáticas outras em uma escola da cidade de Aceguá (RS) (CRUZ, 2023).

Nesse sentido, buscamos mobilizar formas inusitadas de atribuir sentidos diversos aos signos matemáticos, amparado em Deleuze e Guattari (2010) que apontam:

De tudo o que um sujeito pode viver, do corpo que lhe pertence, dos corpos e objetos que se distinguem do seu, e do estado de coisas ou do campo físico-matemático que os determinam, ergue-se um vapor que não se assemelha a eles, e que investe o campo de batalha, a batalha e o fermento, como componentes ou variações de um acontecimento puro, onde subsiste somente uma alusão ao que diz respeito aos nossos estados de coisas, para liberar seu conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 189).

Movimentos de criação de pensamentos matemáticos que mobilizaram o pensar, o compartilhar, o sentir e o traduzir signos e funções por meio de elementos das danças circulares - coreografias, fileiras, colunas, círculos, duplas, trios, passos individuais, cartas, instalações, centros da roda -, de modo a criar conexões entre os corpos dançantes e os signos matemáticos.

Vimos que, os encontros-oficinas foram experimentados com alegria, o que aumentou a potência de agir no ensinar e aprender signos matemáticos e efetuar sobre eles a criação de novos sentidos. Como diz Espinosa (2009), afetos de alegria permitem aos corpos passar através de alguma coisa, afetos de tristeza não permitem que isso aconteça. As alegrias lançam um mundo de ideias que lutam contra afetos tristes, num movimento de variação contínua. A alegria impulsiona a potencialidade de uma noção comum.

Yonezawa (2015) é outro autor que escreve sobre a potência dos corpos alegres. Segundo ele, um corpo se torna potente quanto mais constitui noções comuns com outros corpos, maneiras de afetar e existir em sua própria composição, nos encontros, nas sensibilidades, na superfície dos corpos. Quando corpos se encontram e se afetam pela alegria do dançar é sinal que criaram uma noção comum. Daí constitui-se um novo corpo, um corpo coletivo em que as forças de existir são multiplicadas, o que favorece a ativação da singularização do pensamento.

Nossas experimentações de rodas de danças circulares com as crianças aconteceram com muita alegria, o que permitiu criar novas maneiras de lidar com signos matemáticos, operando outras leituras e atribuindo sentidos diferentes do convencional, agenciamentos que geraram afecções, perceptos e afetos no entrelaçar dos corpos nas rodas de danças circulares.

Inventamos, assim, novas cartografias de modo que a produção de conhecimentos matemáticos ocorreu em movimentos coletivos alegres. Percebemos que o pensamento foi exercido com força transformadora, virtualização de sensíveis, superfície e partida de criação do ensinar e aprender que contou com a expansão das potências dos corpos e de sua capacidade de agir.

#### **4. Considerações Finais**

Finalizamos este texto retomando algumas considerações acerca do que se desenvolveu no decorrer desta escrita e que nos leva a compreensão das redes colaborativas agenciadas pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias alinhado às filosofias da diferença e em que forjamos nossos fazeres decoloniais.

Composição criativa e inventiva que acontece de forma singular em múltiplos territórios, criados em movimentos e passagens que vem e vão dos encontros de estudos e pesquisas promovidos pelo grupo, interações com outros/as pesquisadores/as em eventos e publicações, atuações em comunidades locais e ambientes das escolas de educação básica, como os encontros-oficinas vivenciados com as crianças na escola de Aceguá (RS).

Trata-se de planos de imanência em perpétua transformação. que não retornam ao mesmo, mas possibilitam a invenção sempre renovada de movimentos - ritornelos -, movimentos intensos de desterritorialização e reterritorialização:

Pensar consiste em estender um plano de imanência que absorve a terra (ou antes a “adsorve”). A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra por vir. Resta que a desterritorialização absoluta só pode ser pensada segundo certas relações, por determinar, com as desterritorializações relativas, não somente cósmicas, mas geográficas, históricas e psicossociais. Há sempre uma maneira pela qual a desterritorialização absoluta, sobre o plano de imanência, toma o lugar de uma desterritorialização relativa num campo dado (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 107).

Falamos da criação de planos de imanência em constante renovação e entrelaçamento de vivências, leituras, escritas, pesquisas, potencializadas e potencializadoras de encontros, coletivos, espaços criados e co-habitados com outros/as seres vivos envolvidos/as nas e pelas artes de existências colaborativas e solidárias.

Assim, amparado nas Filosofias da Diferença e no engajamento político e ético com o projeto da decolonialidade, nosso coletivo tem mobilizado redes colaborativas que agenciam pensamentos e ações abertas a renovação de vibrações variadas, decomposições, projeções e

transformações, conjugação de forças movidas pelos fluxos de uma arte de diferir e descolonizar existências. Desterritorializações e reterritorializações que acontecem em movimentações entre corpos, espaços, lugares em que potências ativas e alegres são ativadas.

## Referências

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2015, p. 52-75.

BONFANTI, B. X. *Da docência agenciada pelo ensino remoto: movimentos de uma matemática menor*. 2021. 95p. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS. 2021.

CRUZ, D. D. Afectos e Matemáticas: intervenções cartográficas para pensar as potencialidades das Danças Circulares no Quinto Ano do Ensino Fundamental. 2023. 78p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, RS. 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, II, v. 04. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo. Editora 34, 2012.

ESPINOSA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (org.) *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2019, p. 27-55.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANT'ANA, R. B. O trabalho em rede e grupos de colaboração em pesquisa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, set./dez. 2015, p. 1143 - 1162. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1143/pdfa>. Acesso em: 12 jan. 2023.

VOSS, D. M. da S. Habitar outros mundos em tempos sombrios. In: ROCHA, P. H. B.; MAGALHÃES, J. L. Q.; OLIVEIRA, P. M. P. (org). *Decolonialidade a partir do Brasil*, vol 01. Belo Horizonte: Dialética, 2020. p. 221-240.

YONEZAWA, F. H. Só a alegria produz conhecimento: corpo, afeto e aprendizagem ética na leitura deleuzeana de Spinoza. *Educação: Teoria e Prática*. Rio Claro. v. 25, n. 48, p. 186-199, jan./abr. 2015. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/7406>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ZACHARIAS, P. *(Des)encontros em um lugar qualquer*. 2017, 132 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2017. MELUCCI, A. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001a.

## Grupo de Investigación Philos Sophias: devires matemáticos de cuerpos danzantes

### Resumen

O Grupo de Investigación Philos Sophias alineado con las filosofías de la diferencia y el proyecto de decolonialidad pretende resaltar que esta producción se puede realizar en constante actualización de pensamientos, acciones y territorios. Las filosofías de Deleuze y Guattari y Espinosa inspiran la creación y operacionalización de planes de composición en los que se entrelazan estudios e investigaciones del colectivo docente desplegados en intervenciones pedagógicas en las escuelas de educación primaria. Como el proyecto desarrollado en la escuela de Aceguá (RS) donde se lleva a cabo la enseñanza de las matemáticas a través de ruedas de danzas circulares. Así es como las experimentações colectivas producen afecções e intensifican afectos. Esto lleva a la comprensión de las redes colaborativas como agenciamientos movidos en ritornelo y que dan vida a los territorios cohabitados, siempre dispuestos a se desterritorializar en otros devires. Flujos de un arte de diferenciar y descolonizar que hace posible nuevos paisajes existenciales.

Palabras claves: danzas circulares; Decolonialid; diferencia; matemática; Philos Sophias.

## Groupe de Recherche Philos Sophias: devires mathématiques des corps dansants

### Résumé

Le Groupe de Recherche Philos Sophias, aligné sur les philosophies de la différence et le projet de decolonialidade, entend démontrer que cette production peut s'effectuer dans une mise à jour constante des pensées, des actions et des territoires. Les philosophies de Deleuze et Guattari et Espinosa inspirent la création et l'opérationnalisation de plans de composition dans lesquels les études et recherche du collectif pédagogique se croisent et se déploient dans les interventions pédagogiques dans les écoles d'éducation de base. Comme le projet développé à l'école d'Aceguá (RS) où l'enseignement des mathématiques se déroule à travers des cercles de danse circulaire. C'est ainsi que les expériences collectives produisent des affections et intensifient les affections. Cela conduit à comprendre les réseaux collaboratifs comme des assemblages se déplaçant en intensifient les rythmes, toujours prêts à se déterritorialiser en d'autres devenirs d'un de différer de la décolonisation qui rend possibles de nouveaux paysages existentiels.

Mots-clés: Danses circulaire; decolonialidade; différence; mathématiques; Philos Sophias.

## Philos Sophias Research Group: mathematical devires of dancing of bodies

### Abstract

The Philos Sophias Research Group, aligned with the philosophies of difference and decoloniality project, intends to highlight that this production can be carried out in a constant update of thoughts, actions and territories. The philosophies of Deleuze and Guattari and Espinosa inspire the creation and operationalization of composition plants in which studies and research by the teaching collective intersect and unfold in pedagogical interventions in basic education schools. Like the project developed at the school in Aceguá (RS) where mathematics teaching takes place through circular dance circles. This is how collective experiments produce affections and intensify affections. This leads to the understanding of collaborative networks ass assemblages moved in rhythm, always

ready to deterritorialize into other becomings oh an art of differing from decolonizing that makes new existential landscapes possible.

Keywords: Circular Dances; Decoloniality; Difference; Mathematics; Philos Sophias.